

Adriane Hernandez
Professora do
Programa de
Pós-Graduação
em Artes Visuais
na Universidade
Federal de Pelotas,
Doutora em
Poéticas Visuais
pela UFRGS.
hernandez_adri@
yahoo.com.br

Roger Coutinho
Artista visual,
Mestrando em
Artes Visuais
pelo Programa de
Pós-Graduação
em Artes Visuais
na Universidade
Federal de Pelotas,
Linha de Pesquisa
Processos de
Criação e Poéticas
do Cotidiano.
roger.coutinho@
gmail.com

Sobre o vago: indefinições na produção artística contemporânea

On the vague: Indefinitions in Contemporary artistic production

[RESENHA] SEIXAS, Alvaro. *Sobre o vago: indefinições na produção artística contemporânea*. Rio de Janeiro : Apicuri, 2011. Coleção Pensamento em Arte.

O livro *Sobre o vago: indefinição na produção artística contemporânea* editado em 2011, no Rio de Janeiro, com autoria de Alvaro Seixas, compõe a coleção Pensamento em Arte, lançada também em 2011, pela editora Apicuri. Salienta-se que esta coleção tem o propósito de ampliar espaços de discussão acerca das potencialidades do pensamento em arte através de publicações de textos de artistas, críticos, teóricos e historiadores, oriundos ou não da pesquisa acadêmica.

Alvaro Seixas é artista visual, doutorando em Linguagens Visuais na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição pela qual se tornou mestre, em 2010, e onde se graduou em pintura. Trata-se de um artista pesquisador, curador e também professor na Escola de Design da Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro. Sua produção plástica inclui pinturas, desenhos e fotografias, que nas palavras do crítico Marcus de Lontra Costa, são:

essencialidades do plano, trazem um flagrante comprometimento com a história recente da arte. Sua produção estabelece de imediato uma associação com as vanguardas tradicionais modernistas, dialogando com a abstração informal e com a síntese construtiva (COSTA apud SEIXAS, 2011, contra capa).

Sobre o vago: indefinições na produção artística contemporânea é, segundo o autor, com poucos ajustes, sua dissertação de mestrado em Linguagens Visuais orientada pelo Prof. Dr. Paulo Venâncio Filho. O livro traz apresentação de Marcus de Lontra Costa, que tece uma analogia entre os termos vasto e vago, caracterizando-os como “adjetivos contaminados de imprecisão” (p. 9), termos que qualificam a indeterminação. O “vago” ou a “vagueza” assinalam a imperfeição, o não resolvido, antíteses da verdade e da concretude, características que os artistas do modernismo buscavam evitar em seus discursos marcados pela racionalidade. Em contrapartida, no confuso cenário pós-industrial estes conceitos encontram espaço na produção de artistas como Gerhard Richter, Luc Tuymans e na do próprio autor. Ao propor ações pictóricas com resultados formais semelhantes a de artistas do início do modernismo, como por exemplo Malevich, Alvaro Seixas se aproxima do modo de operar dos citados artistas contemporâneos. Se por um lado a pintura apresenta características concretas, por outro, contrariamente à lógica modernista, o tipo de discurso assumido busca reafirmar a indeterminação de certas escolhas.

O autor investiga a presença da pintura no meio artístico contemporâneo e tem na expressão “vago” um instrumento para relacionar a pintura moderna, do início do século XX, com a produção mais recente da pintura contemporânea exemplificada por Antoni Tàpies, Gerhard Richter, Luc Tuymans, Blinky Palermo, Günther Förg e Imi Knoebel, artistas herdeiros de uma estética modernista.

Em seu discurso chama atenção para uma “suposta oposição entre certas tendências artísticas dos séculos XX e início do XXI” (p. 15). De um lado tendências que apostam em um projeto claro, enfatizando potencialidades e objetivos do fazer artístico e de outro, tendências que tem como estratégia a indefinição, borrando limites por meio de ações paradoxais e formulações ambíguas. Como exemplo

da tendência contemporânea a qual o autor se filia, nos apresenta Richter que, entre a figuração e a abstração, percorre e se apropria de um vasto repertório imagético e estilístico, algo que para o artista vem à tona, sem ser procurado, criado, formulado, e Tuymans que opta por um paradoxo ao referir-se a suas pinturas como “falsificações autênticas”. Ambos escolhem colocar indefinições no lugar de um discurso esclarecedor (p. 16). Alvaro Seixas identifica então neste aspecto vago, indefinido, da produção destes artistas, à substância de sua própria produção artística. Assim como a relaciona também à obras e produções de artistas como Malevich, Mondrian, Barnett Newman, Tapiés, Piero Manzoni e Rodchenko.

Para Seixas as definições de paradoxo e vago estão ligadas. O primeiro compreendido como declaração aparentemente verdadeira, mas que conduz à contradição lógica. O “vago” ou “vagueza” definem-se, resumidamente, entre outras coisas, por “algo sem intenção ou expressão clara” (p. 19), o incerto, impreciso. Ele pensa “a ‘vagueza’ como o estado de indefinição dos aspectos, das potencialidades e da intencionalidade da arte promovida por determinados artistas contemporâneos que deixam indefinido se há um único, lógico e seguro propósito para sua prática” (p. 21). Marca que o artista-autor irá comparar com ações de outros artistas que permitem entrever uma orientação clara e lógica de suas produções.

Mondrian, com sua busca por uma expressão universal mediada por relações entre a horizontal e a vertical, veria no “vago” um problema para sua produção, uma confusão que “implicaria uma perda estrutural” (p. 25). Pensamento comum ao contexto histórico e social de sua produção ao se considerar a influência racionalista de correntes filosóficas e científicas, no século XX. Barnett Newman, por sua vez, combate o excesso racional da obra de Mondrian ao dizer “só uma arte não geométrica pode ser um novo começo” e conduz sua pintura

ao plano da revelação. Aproximando-se destas duas formas de pensar a pintura, o autor questiona sobre a existência de um possível e inequívoco “corpo de obras privilegiado e eficaz em um processo de ‘revelação’ artística” (p. 27). Neste momento ele estende o questionamento para sua própria pintura, perguntando onde ela se situaria. Tais questões que com frequência são levantadas pelo autor no decorrer do texto, carregam uma dose de retórica, no sentido de que Seixas não parece preocupado em definir ou categorizar sua pintura, postura esta assumida por uma parcela significativa dos artistas contemporâneos.

A partir disso se pode deduzir que a arte, na passagem do moderno para o contemporâneo, não produziu mudanças tão radicais na sua visualidade, mas no discurso teria havido sim uma alteração significativa. Os discursos proferidos assumem uma outra lógica, e talvez se possa dizer que esta tem maior consonância com a prática. Provavelmente porque estamos mais afastados dos grandes mitos e já se experimentou transitar pelo lado oposto da mitologia, com o discurso tautológico. Entre um extremo e outro, optou-se enfim pela indeterminação. O período pós-modernidade teria nos trazido talvez uma maior consciência e uma maior aceitação das diferenças culturais. O modo de ver e de sentir se inclui nessa diversidade.

Ao investigar a obra e as postulações de Malevich, Seixas indaga o quão vago pode ser esta produção, pois propõe paradoxalmente uma “geometria não objetiva” tendo o sentimento puro como elemento dominante. Um suposto interesse não objetivo encontraria eco nas produções de Richter e de Alvaro Seixas. Ainda que para este, talvez estejam, ambos, mais interessados em refletir e questionar suas próprias escolhas e implicações de suas práticas do que mesmo pensar na possibilidade da pintura “revelar, infalivelmente, uma verdade ou afirmar uma nova ordem de mundo” (p. 29). Num movimento de identificação, Seixas encontra referências na produ-

ção de Tàpies, marcada pela ambiguidade de signos, abertos a múltiplos sentidos e variadas interpretações. Ambos se apropriam tanto de elementos abstratos de origem modernista, quanto de uma estética do pós-guerra. Da mesma forma, os artistas alemães Blinky Palermo e Günther Förg apropriam-se de um vocabulário visual de origem modernista, a lembrar Mondrian e Malevich, sem no entanto, articular uma resposta clara sobre as naturezas e intencionalidades de suas obras e pensamentos estéticos. Talvez nestes casos o “vago” ou a “vagueza” se configurem como estratégias para mover a pintura em direção oposta do seu fim lógico idealizado por Rodchenko. Luc Tuymans também corrobora neste sentido, para a percepção do “vago” na pintura contemporânea à medida que desfila por configurações tanto abstratas quanto figurativas. Realizando apropriações de imagens do universo histórico da arte e da história em geral, valoriza a ambiguidade e a “vagueza” através da multiplicidade de sentidos à que sua imagem pictórica está sujeita. Preserva e intensifica, assim, as potencialidades da pintura.

Alvaro Seixas situa sua própria produção pictórica entre o grupo de artistas que pauta pela ausência de um projeto claro e definidor ligado a um único estilo artístico e alimentam sua produção por um vasto vocabulário cultural e imagético que vai desde as imagens da tradição geométrica modernista até as imagens massificadas. Desta forma evidencia-se um diálogo na produção pictórica destes artistas através da coexistência de elementos de categorias, tradicionalmente, tidas como opostas, fazendo revigorar, ou reverberar, questões e conceitos, gestos e práticas inerentes à linguagem pictórica contemporânea.